

Recepção, crítica e homossexualidade em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha

Reception, criticism and homosexuality in Bom-Crioulo, by Adolfo Caminha

Giovane Alves de Souza

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

giovaneuepb1@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2237-7269>

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos analisar a homossexualidade em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, a partir da estética realista-naturalista, em voga na época, e das noções acerca da sexualidade vigentes no fim do século XIX. Para tal, nos respaldamos nas contribuições de Howes (2005), Priore (2011), Green (2019), dentre outros(as). A análise visa compreender como, a partir da representação de um homem negro, marinheiro, escravizado, alcóolatra e homossexual, Caminha, apesar de dialogar com os discursos de sua época, acabou criando uma narrativa que possibilitou se falar acerca da homossexualidade de uma maneira inédita na literatura brasileira da época.

Palavras-chave: Recepção; Crítica literária; Homossexualidade.

ABSTRACT

In this work, we intend to analyze homosexuality in *Bom-Crioulo*, by Adolfo Caminha, based on the realistic-naturalist aesthetic, in vogue at the time, and the notions about sexuality in force at the end of the 19th century. To this end, we rely on the contributions of Howes (2005), Priore (2011), Green (2019), among others. The analysis aims to understand how, based on the representation of a black man, sailor, ex-slave, alcoholic, and homosexual, Caminha, despite dialoguing with the discourses of his time, ended up creating a narrative that made it possible to talk about homosexuality in a way that was unprecedented in Brazilian literature at the time.

Keywords: Reception; Literary Criticism; Homossexuality.

SEXO NO PARAÍSO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano sentiu a necessidade de se expressar das mais diversas maneiras possíveis, incluindo sexualmente. O sexo, como um todo, figurou a sua identidade e as fronteiras da sua existência, tendo moldado relações humanas ao longo dos séculos. É sabido que no Brasil colonial, por exemplo, os padres jesuítas iniciaram seus trabalhos já mandando buscar tecidos de algodão, em Portugal, para vestirem os corpos culturalmente nus das crianças indígenas. Afinal de contas, o nu do autóctone, aos olhos dos colonizadores, era semelhante ao nu dos animais, pois, “como as bestas, ele não tinha vergonha ou pudor natural” (Priore, 2011, p. 17).

Esse olhar destinado ao outro, àquele que não lhe é igual, foi de considerável relevância para delimitar as dinâmicas envolta do sexo e da sexualidade. E é se tratando de um tipo específico de *outro* que trato aqui das nuances performáticas de um corpo *ex-cêntrico*, marginal: o homossexual negro.

Bom-Crioulo tem como fio narrativo a história de Amaro, ex-escravizado fugido da fazenda de seu antigo dono que, ao buscar por uma vida melhor que aquela enveredada pelos abusos da escravidão, se alista na Marinha, tornando-se um soldado de caráter exemplar – daí a justificativa de seu apelido. Ele, então, se apaixona por Aleixo, um jovem rapaz branco e de olhos azuis a quem ele protege contra os abusos do ambiente militar. O romance, cuja narrativa se passa em um ano indeterminado da década de 1870, foi escrito pelo cearense Adolfo Caminha em 1894, e publicado em 1895, é tido na atualidade como o primeiro romance brasileiro a tratar da homossexualidade masculina em seu eixo principal, bem como o primeiro a ter um personagem negro como protagonista da trama, fatores estes que, como afirma Robert Howes (2005), causaram grande escândalo na época.

O romance, ao se levar em conta o seu enredo, é tido como uma obra simples, porém é seu conteúdo que chamou a atenção do público da época, ao fazer adesão de temas que eram então considerados tabu (Silva, 2014, p. 7), tais como a homossexualidade, relacionamento interracial e a sua ambientação em um espaço supostamente conservador e rígido, tal qual a Marinha:

Tal simplicidade, contudo, guarda ao leitor relevantes aspectos da estética realista-naturalista, sobretudo a temática da natureza sexual (como a homossexualidade), tendência, aliás, que já se verificava em romances como

A carne (1888), de Júlio Riberio, ou *O homem* (1887), de Aluizio de Azevedo (Silva, 2014, p. 9-10).

Num contexto sociocultural em que o sexo, mesmo entre pessoas heterossexuais, era tido como pecado abominável, trazer à tona a sexualidade de um homem homossexual e negro só denota o tamanho da ousadia de Caminha. Há de se notar que mesmo quando fruto de relações de pessoas de gêneros diferentes, o sexo era repleto de prescrições, tais como as posições a serem obedecidas na hora do coito – com o homem em cima e a mulher embaixo –, a proibição do ato de evitar filhos ao “gozar fora do vaso” ou com o sexo anal (Cf. Priore, 2011, p. 43) etc. Assim, percebe-se que o Brasil, considerado por muitos como um paraíso afrodisíaco, tinha também as suas regras na esfera erótica.

Além disso, ainda neste período, a medicina legal começa a delinear o perfil do “antifísico” (Cf. Priore, 2011, p. 94), isto é, um tipo de pessoa relacionada a certas formas de animalidade, dentre as quais destacava-se a homossexualidade¹. De imediato, se tem a homossexualidade como alvo de estudos clínicos. Ora, mais do que somente um pecador, o homossexual era tido como um doente (Priore, 2011, p. 95), que necessitava de tratamento. A partir disso alguns estereótipos foram sustentados a fim de delimitar a imagem de um uranista²: tipos dengosos, que se faziam notar pelos “trajes de veludo, pelas sobrecasacas à Luis XV com rendas nos punhos, pelas golas de pelúcia dos casacos, muita brilhantina no cabelo, o extrato excessivo no lenço” (Priore, 2011, p. 95), ou seja, adereços e características que o tornariam motivo de escárnio.

Segundo o escritor e militante LGBTQIA+ João Silvério Trevisan, em seu influente livro *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (2000), a psiquiatria passou, ao longo do século XIX, a delimitar certo poder legal sobre a vida do indivíduo, e isso trouxe legitimidade suficiente para enquadrar aquilo que era considerado desvio à norma sexual não mais como crime, mas sim como doença (Trevisan, 2019, p. 172). Para o pesquisador, ao mesmo tempo que buscava a ajuda da psiquiatria, “a jurisprudência outorgou legitimidade à tutela psiquiátrica,

¹ Cumpre notar que, seguindo a voga da época, Adolfo Caminha lançou mão de diversos estudos médicos acerca da homossexualidade para a escrita de seu romance. O cientificismo influenciou a sua literatura de maneira considerável, já que, naquele período, tinha grande ascendência no movimento estético realista-naturalista ao qual o autor fazia parte.

² Popularizada principalmente pelos estudos de Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895) em uma série de livretos (1864-65) acerca das relações afetivas e sexuais entre homens, a expressão era usada para se referir a homossexuais como uma espécie de “terceiro sexo”.

utilizando como ponte a medicina legal, que também procurava se impor com um estatuto científico” (Trevisan, 2019, p. 172).

Tal conjectura deu azo à forte imposição da ciência e da lei sobre corpos considerados desviantes, especificamente de homossexuais. E, ainda seguindo este recorte, pode-se dizer muito mais sobre gays negros que, duas vezes assolados pela sociedade, eram muito mais vulneráveis a este poderio. Sob título de exemplo, tem-se o caso de Febrônio Índio do Brasil (1895 – 1984), que foi condenado por “desvio moral” da pederastia (Cf. Trevisan, 2019, s/p), e ficou internado por mais de cinquenta anos no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro.

É interessante pontuar, também, o fato de que Caminha tenha escolhido um homem negro, considerado indivíduo de raça inferior naquela época, para caracterizar como homossexual por natureza em seu romance. É possível de se observar, nesta relação entre Amaro e Aleixo, uma certa semelhança com a relação de Rita Baiana e Jerônimo, em *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo. A tese aqui é de que as raças inferiores conseguem degenerar as raças superiores. Tal crença era latente na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX, como afirma Green (2019): “a demonstração de compaixão por pederastas degenerados e efeminados, aliada à propagação de estereótipos maníacos homicidas, continuaria a ser uma fórmula potente nos escritos de outros médicos, juristas e criminologistas que adentrou o século XX” (Green, 2019, p. 97).

SEXUALIDADE NO SÉCULO XIX E A RECEPÇÃO CRÍTICA DE BOM-CRIOULO

Antonio de Padua Dias da Silva (2012) aponta para o fato de que muito tem se falado sobre a suposta posição do *Bom-Crioulo* (1895) como obra fundadora da discussão sobre homoerótica na literatura brasileira. No entanto, há bem pouco tempo, cogitou-se o fato de o conto “O menino do Gouveia” (2007), de Capadócio Maluco, ser considerado o primeiro texto erótico gay escrito em língua portuguesa no Brasil. Ora, indica-se, também, *Um homem gasto* (1885), de Ferreira Leal, como obra pioneira dessa temática em contexto de Brasil.

Como afirma Silva (2012), as narrativas de *Bom-Crioulo* e de “O menino do Gouveia” são essenciais para se pensar na produção literária brasileira envolta da temática gay, não somente porque despertam no leitor o senso político para o qual apontamos, mas,

sobretudo, porque tais obras expõem o universo da subcultura gay, "a forma como a sociedade pensa essa subcultura, sem deixar de exibir o sujeito gay na sua particularidade, sendo descrito/ narrado através de recursos técnicos próprios de uma arte que se centra na sua gramática, na sua sintaxe, no seu código" (Silva, 2012, p. 88).

Logo, em um cenário conservador do Brasil recém-republicano, escrever sobre um homem negro, homossexual, viciado em álcool e ex-escravizado não resultaria em uma boa recepção da crítica literária de sua época. As reações negativas em relação ao recebimento de sua obra levaram o autor, inclusive, a redigir uma resposta em *A Nova Revista*, um ano após sua publicação, intitulada "Um livro condenado". Na sua carta, Caminha contestou a indignação popular em relação ao seu livro que tomava como base a pobre escolha de temas considerados vulgares e de baixo calão. O que, para o autor, foi "o maior escândalo do ano passado" (Green, 2019, p. 87). O autor rebateu as críticas apontando para a hipocrisia dos críticos literários que o condenavam por tratar de homossexualidade, ao passo que aclamavam escritores europeus como Flaubert, Zola, Maupassant e Eça de Queiroz, cujos romances continham adultério, blasfêmia, por exemplo (Green, 2019, p. 87). Nas palavras de Caminha:

Que é, afinal de contas, o BOM-CRIOULO? [...] Nada mais que um caso de inversão sexual estudado por Krafft-Ebbin, em Moll, em Tardie, e nos livros de medicina legal. Um marinheiro rudo, de origem escrava, sem educação, nem princípio algum de sociabilidade, num momento fatal obedece às tendências homossexuais de seu organismo e pratica uma acção torpe: é um degenarado nato, um irresponsável pelas baixezas que commete até assassinar o amigo, a victima de seus instinctos. Em torno d'elle se espraia o romance, logicamente encadeado, de accôrdo com as observações da sciencia e com a analyse provável do autor, que, no character de official de marinha, viu os episodios accidentaes que descreve a bordo. [...] Procure a critica os Attents aux moeurs, de Amboise Tardieu, professor de medicinal legal na faculdade de Paris, e ahi, nessas páginas, encontrará os signaes característicos de Bom-Crioulo e de Aleixo (De la péderastie et de la sodomie); procure ainda a extraordinária obra de Moll – Les perversions de l'instint genital – e verá porque razão o autor de BOM-CRIOULO não pôde deixar de ser fiel nas suas descripções em todo o seu trabalho. [...] Qual é mais pernicioso: o BOM-CRIOULO, em que se estuda e condemna o homosexualismo, ou essas paginas que ahi andam pregando, em tom philo-sophico, a dissolução da familia, o concubinato, o amor livre e toda a especie de immoralidade social? (Caminha, 1896 *apud* Bezerra, 2009, p. 446-447).

De acordo com Valentin (2013), ao decorrer sobre a recepção do livro e sobre a homossexualidade no livro através de ideias da época, o modelo de desejo é pensado pelo escritor cearense a partir de obras que lhe eram contemporâneas e que tratavam o fenômeno da homossexualidade de acordo com viés médico, como, por exemplo,

Psychopathia sexualis (1886), de Richard von Krafft Ebbing, obra que popularizou o termo “homossexualidade”.

Valentin (2013) aponta, ainda, para o fato de que esse fragmento explicita a incorporação pela estética do Realismo-Naturalismo do século XIX à ciência e à medicina, usando como via o Determinismo, na abordagem de problemas e questões sociais, culturais e antropológicos complexos. Logo, pode-se compreender como os preconceitos morais, religiosos, culturais e raciais, entre outros, influenciaram a literatura.

Caminha, ainda neste trecho, demonstra estar em diálogo com valores da época por não aceitar a homossexualidade enquanto algo natural e vê-la a partir de sua perspectiva patológica. Isso pode ser observado pelo próprio léxico selecionado pelo escritor para defender a sua obra. Expressões como “ação torpe” e “homossexualismo” reforçam, primeiro, a visão moralista e religiosa em volta do tema, e, também, a ideia de patologia, tão presente na medicina no final do século XIX, como bem aponta o autor ao mencionar estudiosos da época que se tornaram referência nos estudos acerca da homossexualidade.

A partir de 1870, os escritores brasileiros incorporaram-se à luta pela “renovação das estruturas sociais e pelo reforço da identidade nacional” (Trevisan, 2019, p. 242). Sendo assim, esta missão acabou por aproximar o discurso cientificista ao literário, em uma tentativa de trazer à luz os desvios mais obscuros da sociedade brasileira, de modo que assim ela pudesse ser reabilitada/controlada (Trevisan, 2019, p. 242). É nesse contexto que se encaixa o romance aqui analisado, cujo estudo se dará mais detalhadamente a seguir.

A HOMOSSEXUALIDADE EM *BOM-CRIOULO*

Em *Bom-Crioulo* (1895), o personagem que dá título à narrativa apaixonou-se por um jovem de quinze anos chamado Aleixo, descrito no romance como “um belo grumete de olhos azuis que embarcara no Sul” (Caminha, 2014, p. 32). O jovem, sendo ele branco, mais jovem, inocente, frágil e concebido como intrinsecamente bom, é a todo momento posto como o oposto de Amaro (*Bom-Crioulo*), que, por sua vez, é representado como um negro forte, mau e acometido pelos vícios. A paixão deste último por aquele nasceu à primeira vista, como comumente nasce em grandes clássicos, como em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare: “no momento em que seus olhos se fitaram pela primeira vez” (Caminha,

2014, p. 32-33). Todavia, diferentemente destes grandes clássicos, o sentimento que brota desta vez é resultado de uma atração homoafetiva, o que põe em evidência aspectos socioculturais da época. De acordo com James N. Green:

Bom-Crioulo é um romance complexo que envolve múltiplas noções de raça e de sexualidade no Brasil da virada do século. O próprio título faz alusão às qualidades afáveis do protagonista, reforçando os estereótipos pejorativos associados aos afro-brasileiros na época. Mas, apesar dos sentimentos racistas que salpicam por toda a obra, o retrato feito pelo autor é, em última análise, simpático. Amaro, prisioneiro de suas inclinações sexuais e de sua paixão, é um herói nobre e trágico (Green, 2019, p. 83).

Além disso, cumpre notar que Amaro não se encaixa nos estereótipos de homossexualidade masculina da época, como aquele indivíduo efeminado, tão comumente reproduzido por chargistas e médicos brasileiros na virada do século (Green, 2019, p. 85). Amaro é, neste sentido, um homem forte e vigoroso e que, apesar de ser evidentemente homossexual, nunca tem sua masculinidade posta em questionamento.

Outro fator a ser mencionado acerca dos personagens é que o sentimento nutrido por parte de Amaro não era partilhado por Aleixo. Sendo jovem, frágil, recém-chegado na marinha – isto é, sem experiência –, ele precisava de proteção, e esta proteção estava nos carinhos do Bom-Crioulo. Com isso, uma relação de intercambialidade se estabelece, Amaro dá Aleixo o que ele precisa (proteção), e Aleixo dá a Amaro o que ele deseja (sexo/afeto). Sobre isso, é interesse destacar a natureza da homossexualidade destes nos trechos abaixo:

Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer arriscado uma dessas aventuras, tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis, não: pelo contrário, sempre fora indiferente a certas coisas, preferindo antes a sua pândega entre rapazes a bordo mesmo, longe de intriguinhas e fingimentos de mulher” (Caminha, 2013, p. 37).

Já se tratando de Aleixo:

Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade [...] – Ande logo! Murmurando apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza (Caminha, 2013, p. 48).

Assim, o jovem “cede” aos charmes de Amaro, e é possível notar que a “homossexualidade de Bom-Crioulo surge como algo determinado, sem nenhuma tentativa de explicação, ao passo que a homossexualidade circunstancial de Aleixo é

construída por Bom-Crioulo (...)" (Howes, 2005, p. 187). Mais do que isso, a homossexualidade de Amaro é um fator dado, biológico, como algo intrínseco a sua natureza, ao passo que a de Aleixo é adquirida através do contato com aquele, como se fosse uma doença, o que, por sua vez, só reforça o pensamento cientificista do movimento realista-naturalista em voga na época. E isto ocupa o pensamento de Amaro, que por vezes pensa estar corrompendo o grumete: “Então, que diabo! Não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança...” (Caminha, 2014, p. 38).

Além disso, com o passar do tempo, Aleixo foi se acostumando “sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo” (Caminha, 2014, p. 34). E a sua relação começou a desabrochar, o que remete, muitas vezes, aos relacionamentos entre homens na Grécia Antiga, fator explorado durante muitos momentos do romance, como quando a paixão por parte de Amaro é descrita como “o seu forte desejo de macho torturado pela *carnalidade grega*” (Caminha, 2014, p. 47 – grifo meus). Fundamentalmente, o que se percebe é que para além da referência à Grécia Antiga, tem-se durante o decorrer da história de amor dos dois uma clara delimitação de papéis de gênero que seguem o modelo clássico grego de relação entre dois homens, isto é:

Caminha se refere ao desejo de Bom-Crioulo por Aleixo como "o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega". Bom-Crioulo desempenha o papel tradicional do *erastes*, ensinando ao jovem como se comportar enquanto marinheiro, e no começo Aleixo desempenha fielmente o papel do *eromenos*, aprendendo com os conselhos do mais velho e mostrando sua gratidão pela submissão sexual (Howes, 2005, p. 184 – grifo do autor).

Este modelo de relacionamento fracassa, pois, ainda de acordo com Howes (2005), a paixão nutrida por Amaro não cede espaço para o crescimento individual de Aleixo (p. 184). Mas, cumpre notar que o pederasta clássico devia casar-se, “abandonando as relações com rapazes como uma fase meramente passageira, mas o herói de Caminha não tem família e nenhum interesse em mulheres” (Howes, 2005, p. 184), restringindo o seu desejo ao grumete. Então, é interessante notar que o que ocorre no romance é o oposto: Aleixo, o *eromenos*, ao passar dias distante de Amaro, o *erastes*, em um quartinho que eles alugaram de Dona Carolina, amiga de longa data do Bom-Crioulo, cai nos gracejos da senhora, e sai da esfera da homossexualidade desviante, para entrar no padrão heterossexual de desejo.

Enquanto isso, a bordo, sem ter conhecimento do que acontecia entre seu amado e D. Carolina, Amaro se mete em uma confusão que acaba fazendo com que se atrase para o trabalho, e isso o leva a ser castigado à base de chicotadas pelos seus superiores, o que era comum para os marinheiros da época. A surra dessa vez é tão forte que Bom-Crioulo fica doente, e é levado ao hospital, onde tenta convalescer durante as semanas seguintes. Sem demora, vemos Amaro definhar, e seu corpo, uma vez tido como um corpo só de músculos, sem ossos, com um “peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos” (Caminha, 2014, p. 30 – 31), passa a ficar fraco e doentio:

Ia-se-lhe tornando cada vez mais insuportável a existência naquela espécie de convento de inválidos. *Estava magro, visivelmente magro: – “estava acabado!” E que sonhos horríveis, que pesadelos!* Uma noite sonhou que Aleixo tinha morrido com uma facada no coração; que ele, Bom-Crioulo, via o pequeno ensanguentado numa cama de vento, nuzinho, os beiços muito roxos..., e que a portuguesa, D. Carolina, chorava perdidamente, enxugando os olhos com um grande lenço de tabaco... – Já viram que extravagância?... (Caminha, 2014, p. 106 – grifo meu).

Logo, o esgotamento físico e emocional de Amaro é nítido, e a sua estadia no hospital, ao invés de auxiliá-lo a se recuperar, só intensifica mais ainda as suas dores. E é lá que, sem as visitas de seu amado, e a torrente de pensamentos que o acomete, que ele junta as peças do quebra-cabeças e entende o motivo real da ausência de Aleixo, o real motivo para não lhe escrever e tampouco o procurar: o caso com D. Carolina. Foi quando “começou a procurar um jeito de fugir, de abandonar o hospital em procura do grumete” (Caminha, 2014, p. 106), a fim de pôr em prática a sua vingança, pois, na mente de Amaro, “morto ou vivo, deste ou daquele modo, Aleixo havia de lhe pertencer!” (Caminha, 2014, p. 106).

Nota-se, então, que mesmo tendo por muito tempo, a proteção, o dinheiro e o afeto de Amaro, Aleixo acaba por traí-lo com sua amiga, e é em virtude disso que Bom-Crioulo comete o assassinato do grumete, levando a cabo a sua *vingança* (Cf. Souza; Melo, 2016, p. 84). E é ali, na Rua da Misericórdia, onde pessoas começam a passar, para olhá-los, e, logo em seguida “vieram depois outras pessoas, outros curiosos; um marinheiro da Capitania, um italiano carregado de flandres, um guarda municipal, crianças, mulheres...” (Caminha, 2014, p. 132). Neste momento, em meio à multidão, o corpo de Aleixo “passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida pra trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta” (Caminha, 2014, p. 132). E assim, o que ora fora uma relação intercambiável, de troca não somente de favores, mas

também de afetos, se torna uma tragédia, e tal tragédia se fortifica também pelos últimos momentos do Bom-Crioulo na narrativa:

A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia! [...] Ninguém se importava com “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam “ver o cadáver”, analisar o fermento, meter o nariz na chaga... (Caminha, 2014, p.132-133).

Pode-se perceber, então, que Amaro também se torna vítima da tragédia que os acometeu. Sendo negro, alcoólatra, escravizado fugido e homossexual, o Bom-Crioulo pode facilmente carregar maiores pesos em seus ombros do que muitos dos personagens do romance, e isso acarreta consequências visíveis para seu estado emocional e físico. A partir do momento em que Amaro começou a construir um relacionamento com o grumete, ele passou a lidar com empecilhos que acabaram ocasionando toda a sua desgraça (Souza; Melo, 2016, p. 84). O que, por sua vez, inclui as brigas, instauradas com a finalidade de proteger o jovem, que o levavam a ser chicoteado por seus superiores de forma constante, como é possível observar no trecho a seguir:

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiedadamente um segunda-classe, porque este *ousara*, ‘*sem seu consentimento*’, maltratar o grumete, Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se ‘coisas’ [...] Depois estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de outro...Estava satisfeitíssimo!” (Caminha, 2013, p. 23-24, grifo meu).

Assim, é possível perceber quanto o relacionamento entre os dois custou para Amaro durante o decorrer da trama. É interessante de se observar, neste sentido que, no fim da história, quando Amaro mata Aleixo num acesso de ciúmes, Caminha opta por gerar empatia não pelo jovem rapaz, mas sim pelo marinheiro, “cuja paixão o conduz à própria morte” (Green, 2019, p. 86).

Logo, permitir que Amaro levasse a cabo a sua relação com Aleixo, tendo contra ele todas as desvantagens de ser um indivíduo desviante do padrão, era impensável para a sociedade tal como está representada na narrativa: ainda presa aos moldes da escravidão, imersa em uma desigualdade extrema e com uma crescente onda de cientificismo que anuviam os horizontes daqueles que não se encaixam nos moldes culturais. Portanto, a punição entra em cena para corrigir o desvio daquele que não conseguiu se adaptar aos

moldes da heterossexualidade compulsória (Amaro), e daquele que fez da sexualidade um câmbio de favores (Aleixo), não cumprindo de forma plena os seus papéis enquanto indivíduos do sexo masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar, por fim, que nesta narrativa o corpo do outro, neste caso o de Amaro (Bom-Crioulo), foi aos poucos se rendendo ao desgaste e seguindo um caminho de morte quase certa. Posto isso, como estratégia de sobrevivência dentro de um sistema compulsório de gênero e de desigualdades sociais que o assolavam, Amaro sentiu a necessidade de vingar-se, matando Aleixo, o alvo, o inocente, jovem, o bom; ainda, mais do que isso, ao matar o grumete, ele matou também parte de sua identidade, matou o “bom” do *Bom-Crioulo*, rejeitando a nomenclatura que lhe foi dada, e abraçando a ferocidade guardada de uma vida acometida de muitos castigos e poucas vitórias. Deste modo, o assassinato físico do seu amado estabelece um paradoxo: matar também simbolicamente aquele que te caracteriza, que te coloca no lugar de outriedade, para que, por fim, em sua morte, Aleixo leve consigo o *amargo* de Amaro.

O naturalismo apresentado por Caminha em seu romance, com efeito, tentou efetivar as crenças que cercavam a época: o indivíduo como fruto do seu meio, a ciência como entidade de extremo poderio sociocultural, a concepção da sexualidade de forma patológica e a suposta essência violenta do negro, irrecuperável. Porém, ao fim, o que marca a narrativa de *Bom-Crioulo* são mais do que os traços do movimento estético seguidos por seu autor, mas sim o contínuo esforço que os sistemas compulsórios têm em controlar o corpo e desejo do outro, e as consequências trágicas, em maior ou menor grau, que isso pode acarretar. Além disso, é possível perceber também as alternativas exploradas pelos indivíduos para escapar destes sistemas. Certamente, o romance não nos dá alívio algum em sua conclusão, tampouco parece resolver a sina do protagonista, mas o que fica como certo é que a repressão, a desigualdade e a privação do afeto são as veredas que podem nos levar à tragédia.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: IBEP, 2012.
- BEZERRA, C. E. O. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do Século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret: 2014.
- GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- HOWES, Robert. *Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha*. Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, João Pessoa, Vol 7., N.2/1, 2005 - p. 171-190.
- PRIORE, Mary del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- SILVA, Antonio de Padua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. *Leitura*. Maceió, n. 49, p. 83-108, Jan/Jun. 2012.
- SILVA, Francinaldo Freire da. *A queer theory implemented reading of Oscar Wilde's The picture of Dorian Gray*. 2014. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2014.
- SOUZA, Giovane Alves; MELO, Ana Luisa Barbosa de. Consequências de um comportamento (de)s(viado): Uma análise crítico-comparativa sobre a homossexualidade em O retrato de Dorian Gray e o Bom crioulo. *EntreLetras*, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 75 - 87, 2017.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. A recepção crítica e a representação da homossexualidade no romance Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. *Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 20, 2013. ISSN: 1806-2555.

Recebido em: 11/12/2023

Aceito em: 23/04/2024

Giovane Alves de Souza: doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba - Conceito CAPES 4. Mestre (2021) pelo mesmo programa. Especialista (2022) em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica (UEPB/Campus III). Graduado (2018) em Letras - Habilitação em Língua Inglesa pela mesma instituição. Atuo no Departamento de

Linguagens e Ciências Humanas (DLCH) no campus de Caraúbas da UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) como Professor Assistente (DE).